

15/ CIDADES

**De 21% a 30% das
crianças nascidas
no AM são filhas
de adolescentes**

De 21% a 30% das crianças nascidas no AM são filhas de adolescentes, aponta estudo

Números Elevados No Estado, o índice está acima da média nacional, de 20%, dos 431 mil que nasceram, em 2016, de acordo com levantamento preliminar do departamento de Informática do Datasus

Redação

redacao@diarioam.com.br

Manaus

Entre 21% e 30% das crianças nascidas no Amazonas são filhas de uma mãe adolescente. O índice, no Estado, está acima da média nacional, de 20%, dos 431 mil que nasceram, em 2016, de acordo com levantamento preliminar do departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus), divulgado pelo site UOL, nesta segunda-feira. No Brasil, Norte e Nordeste têm os maiores índices -quase um terço de gestações precoces.

Nos últimos dez anos, a ta-

xa de nascidos vivos de jovens menores de 20 anos no Brasil se manteve em patamar elevado — de 21,1% do total, em 2007, para 21,2%, em 2016. Nos EUA, essa taxa diminuiu 44% entre 2007 e 2015 (último dado disponível) — os bebês de mães adolescentes são perto de 6% do total.

Especialistas apontam um ciclo: quanto mais periférica e vulnerável a população, mais mães jovens, condição que agrava a pobreza e gera mais gestações antecipadas. A evasão escolar entre elas é alta e a inserção no mercado de trabalho é baixa. Estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) apontou que 76% das brasileiras de 10 a 17 anos que têm filhos não estu-



Jair Araújo 29/10/04

Ensino Conforme Datasus, 76% das meninas de 10 a 17 anos que têm filhos não estudam

dam e 58% não estudam nem trabalham.

Outro elemento que estimula a gravidez precoce é a volatilidade da adolescência. São maiores as chances de a

menina esquecer de tomar a pílula, deixar de usá-la quando terminar o namoro ou de não contar à família que tem relações sexuais. “A jovem tem um pensamento de que

nada vai acontecer com ela. A amiga engravida, mas ela não”, afirma a obstetra Cristina Guazzelli, da Unifesp.

De acordo com o neonatologista Sérgio Marba, da **Unicamp**, esses bebês também têm maior risco de prematuridade, baixo peso, mortalidade e complicações como má formação. “É uma mãe que não faz pré-natal direito, tem condição socioeconômica mais complicada e, muitas vezes, esconde a gravidez.”

Uma coisa é unanimidade entre os médicos: “O fator primordial é educação. É preciso fazer essas jovens entenderem que têm mais opções de vida e são úteis para a sociedade”, diz Cristina Guazzelli.